

Os rapazes o querem como irmão, as mães como filho, as garotas como namorado. É o tipo do sujeito que a gente tem a impressão de já conhecer há muito tempo, na intimidade. Uns o acham um fenômeno, outros um nôvo Noel Rosa. Na verdade êle é apenas :

# UM CHICO COMO NENHUM OUTRO

Texto de  
**SÉRGIO BRITTO**



**“Chico Buarque é um fenômeno que alcança tudo aquilo que nós, do movimento da bossa, vinhamos tentando há muito tempo a união verdadeira da cultura com o povo”.**

### Vinicius de Moraes

Ninguém melhor do que Vinicius para falar de Chico Buarque de Hollanda. E ninguém para fazê-lo com mais sinceridade. Vinicius o conheceu ainda garoto. Quando o movimento da bossa começou a esfalar-se por falta de comunicação com o povo, provocando a ascensão do iê-iê-iê, Chico era ainda um ilustre desconhecido. Na casa do velho Sérgio Buarque de Hollanda, historiador, sábio dos maiores que ainda temos, uma verdadeira enciclopédia ambulante, estavam sempre reunidas as mais pre-eminentes figuras do mundo intelectual. Chico foi ganhando cultura, ouvindo sempre, caladão, dois olhos verdes e grandes faiscando de curiosidade. O destino resolveu colocar um músico famoso na família, tornando-o cunhado de João Gilberto, talvez a única pessoa por quem tenha sido influenciado até hoje:

Um dia Vinicius se espantou com a extraordinária musicalidade e a veia poética do rapaz. Era um samba dos melhores que já ouvira, inteligente, perceptível, com uma letra fácil mas impressionantemente profunda:

**CARNAVAL DESENGANO  
DEIXEI A DOR EM CASA ME ESPERANDO  
E BRONQUEI E GRITEI E FUI VESTIDO DE  
REI  
QUARTA-FEIRA SEMPRE DESCE O PANO.**

Baden Powell soube da história e começou a mostrar o samba a todo mundo. SONHO DE UM CARNAVAL foi uma espécie de Monte Pascoal da descoberta do grande talento de Chico, talento que iria crescer muito e ganhar em definitivo a simpatia do Brasil inteiro.

Muita gente compara Chico Buarque com Noel Rosa. Chico não reclama, achando que é uma grande honra ser comparado ao imortal cantor da Vila, mas sempre faz

questão de dizer que ele é ele mesmo. Embora a temática dos seus sambas tenha as mesmas características dos grandes sucessos de Noel, nota-se logo de saída que, no mínimo, ele é um Noel com cultura, como disse Vinicius, comparando-os pelas semelhanças na construção poética e estrutura melódica. A música de Noel está intimamente ligada às origens do samba mais legítimo, dos “partidos-altos” cantados no Rio boêmio de Donga, da arte desprezenciosa nascida nos morros e descida para os subúrbios. No samba de “partido-alto”, a roda canta o estribilho e os sambistas improvisam versos, retornando sempre ao refrão inicial. Essas variações em torno da idéia base são uma das características mais evidentes de Noel. E PALPITE INFELIZ e COM QUE ROUPA são exemplos dos melhores. Em Chico, QUEM TE VIU, QUEM TE VÊ: O sambista canta:

**Você Era a Mais Bonita  
Das Cabrochas Desta Ala  
Você Era a Favorita  
Onde Eu Era o Mestre Sala  
Hoje a Gente Nem se Fala  
Mas a Festa Continua  
Suas Noites São de Gala  
Nesso Samba Ainda é Na Rua  
e a roda faz o estribilho:  
Hoje o Samba Saiu  
Procurando Você  
Quem Te Viu, Quem Te Vê  
Quem Não a Conhece  
Não Pode Mais Ver Pra Crer  
Quem Jamais Esquece  
Não Pode Reconhecer.**

Essa mesma característica está presente em OLÊ, OLÁ, PEDRO PEDREIRO, MEU REFRÃO, etc. Se existem muitas particularidades nas músicas dos dois, Chico difere de Noel em um ponto de grande importância. Noel fez suas músicas em dois estilos bem distintos: um gaiato, malandro, espelho da ginga e da malícia do carioca; outro lamentoso, triste, mais sofrido do que romântico. Chico é sempre um triste, mesmo nos seus sambas mais alegres:

Em Rita:

**A Rita Levou Meu Sorriso  
No Sorriso Dela|Meu Assunto  
Levou Tudo Com Ela  
E o Que Me é de Direito  
Arrancou-me do Peito...**

Em Você Não Ouviu:

**Você Não Ouviu  
O Samba Que Eu Lhe Trouxe  
Ai, Eu Lhe Trouxe Rosas  
Ai, Eu Lhe Trouxe Um Doce  
As Rosas Vão Murchando  
E o Que Era Doce Acabou-se**

Muita gente acha a música de Chico um tanto pobre, apelando para o estilo de construção melódica. Seria demais dizer que ela não é fácil, simples. Mas é um absurdo muito maior pensar-se que ela é vulgar, que com duas ou três posições se poderá tocá-las. A arte de Chico está justamente na simplicidade, e é daí que vem a sua identificação com o público. Ele sabe exatamente o que o povo quer cantar. E o povo sabe que ele tem a medida exata dos seus desejos.

José Chagas considera Chico Buarque um gênio. Explicando seu raciocínio, Chagas me diz que admira alguma privilegia do poderia fazer O REALEJO, tendo vinte e poucos anos. Chico conseguiu com absoluta perfeição captar toda essa beleza poética perdida no tempo e esquecida até mesmo pelos que a sentiram no passado.

Chico Buarque vai de encontro aos anseios de todas as esposas. Qual delas não terá feito o doce predileto do marido para prendê-lo em casa? Com rara felicidade, ele fala de assunto tão trivial e doméstico em COM AÇÚCAR E COM AFETO:

**Com Açúcar e Com Afeto  
Fiz Seu Doce Predileto  
Pra Você Parar Em Casa  
Qual o Quê.../**

Para no final dar a nota triste da resignação feminina. O marido chega tarde em casa e, para a esposa, somente resta a alternativa do perdão, do esquecimento:

# **...Logo Vou Esquentar seu Prato Dou Um Beijo Em Seu Retrato E Abro Os Meus Braços Pra Você.**

**O Delegado é Bamba  
na Delegacia  
Mas Nunca Fêz Samba  
Nunca Viu Maria.**

Para compensar COM AÇÚCAR E COM

AFETO, que as mulheres cantam para atormentar os maridos, Chico fêz LOGO EU, uma beleza de música, um primor de malandragem e talvez a menos triste de tôdas as de sua lavra:

Uma jovem confessa que Chico é bonito, "um pão que sabe exatamente falar para mim, do jeito que eu gosto. Quando êle canta, eu me considero Carolina, eu sou a Januária que êle imaginou. Chico é de um lirismo impressionante, quando diz que todo mundo homenageia Januária na janela e até o mar faz maré chela pra chegar mais perto dela. A adoração que as môças lhe têm é perfeitamente justificável. Muitas delas passaram a olhar com mais cuidado para a vida depois que Carolina (aí, Chico consultor sentimental) não viu a rosa nascer, todo mundo sambar, uma estrêla cair. O tempo passou na janela, sorrindo, só Carolina não viu.

Chico Buarque é boêmio e irreverente nos breves intervalos de tristeza. É seresteiro, e dos bons. Dos que não temem a polícia porque acha que o progresso jamais estrangulará as expressões da poesia e os costumes populares enraizados na alma da gente. É bem nascido mas não precisa dizer de quem é filho nem apelar para o "você sabe com quem está falando". É um rapaz qualquer, um Chico de Tal. Já foi prêso e não se envergonha disso. De uma feita pediu até escada de bombeiro emprestada: a namorada dormia no décimo andar e êle não tinha jeito de cantar mais perto. De outra, e isto é o nosso Maranhão quem conta, fazia tanto barulho num apartamento que os vizinhos foram obrigados a chamar a polícia, esgotado todo o "blá-blá-blá" de respeito ao sossêgo público. Segundo contam (as mentiras ficam por conta da lenda), Chico compôs Juca em uma delegacia de polícia da zona sul do Rio, provocando a raiva do "meganha" de serviço:

Não existe mulher de boêmio que não tenha reclamado as amizades do marido. Chico vai na pista:

**E Qualquer Dia Ela vem Pedir, Aposto  
Pra Eu Deixar A Companhia  
Dos Amigos Que Mais Gosto.**

Em ATÉ SEGUNDA-FEIRA Chico mantém o mesmo estilo e o mesmo espírito. Depois de uma dura semana no batente, o homem que trabalha precisa das farras do sábado e do domingo para descarregar tôda a eletricidade. É o seu equânil. E ela tem que compreender:  
**Sei Que A Noite Inteira Eu Vou Cantar  
Até Segunda-Feira Você Prometeu Me Amar  
Sei Que Não Preciso Me Inquietar  
Até Segundo Aviso Você Prometeu Me Amar.**

Na rua, êle canta a quem encontra:  
**Que O Meu Samba é Seu Amigo  
Que A Minha Casa é Sua  
Que O Meu Peito é Seu Abrigo  
Meu Trabalho Seu Sossêgo  
Seu Abraço é Meu Emprêgo  
Quando Chego No Meu Lar.**

**Essa Morena Quer Me Transformar  
Chego em Casa, me Condena  
Me Faz Fita, Me Faz cena  
Até cansar  
Logo Eu, Bôim Indivíduo  
cumpridor Fiel e Assíduo  
Dos Deveres Do Meu Lar...**

Chico encontra samba em qualquer coisa. No suburbano que esmagado pela "máquina de fazer doido" abandonou a seresta, fazendo com que a lua, cansada de tanto esperar, fôsse de volta pros sertões (TELEVISÃO, uma das preferidas do Chagas). Em TEM MAIS SAMBA, êle ensina onde achá-lo:

**Tem Mais Samba No Encontro Que Na Espera**

**Tem Mais Samba A Maldade Que A Ferida  
Tem Mais Samba No Pôrto Que Na Vela**

**Tem Mais Samba O Perdão Que A Despedida**

**Tem Mais Samba Nas Mãos Do Que Nos Olhos**

**Tem Mais Samba No Chão Do Que Na Lua**

**Tem Mais Samba No Homem Que Trabalha**

**Tem Mais Samba No Som Que Vem Da Rua**

**Que O Bem Samba Não Tem Lugar Nem Hora**

**Se Todo Mundo Sambasse Seria Tão Fácil Viver.**

Chico é sambista, e pronto. Nasceu em palacete nas Laranjeiras, mas parece um garôto de morro. Essa vocação fê-lo abandonar a Faculdade de Arquitetura. Sua extraordinária fecundidade é algo que ninguém consegue explicar. Há em Chico Buarque uma pressa exagerada, uma vontade louca de não deixar para depois as coisas que podem ser logo feitas. Dois anos apenas e ele já nos deu três discos que encerram quase quarenta músicas. ANTES QUE O AMOR ACABE nos sugere essas especulações:



**Mas Se O Samba Quer Que Eu Prossiga  
Eu Não Contrario Não  
Com O Samba Eu Não Compro Briga  
Do Samba Eu Não Abro Mão  
No Peito De Um Cantador  
Mais Um Lanto Sempre Cabe  
Eu Quero Cantar O Amor  
Antes Que O Amor Acabe**

Orestes Barbosa fêz o único decassílabo perfeito da música popular brasileira: CHÃO DE ESTRÉLAS. A temática de sua música é idêntica à de Chico, a mesma poesia urbana e comovente. Cito Orestes porque muita gente o considera insuperável. Chico é dono das mais ricas rimas do nosso cancionário: JUCA, A RITA, QUEM TE VIU, QUEM TE VÊ, PEDRO PEDREIRO, são alguns exemplos. Procurei dezenas de pessoas e, ao contrário do que sempre fa-

co Buarque. A resposta era uma só: não tem pior. Chico é o mais fértil, o mais feliz de todos os compositores brasileiros, em todos os tempos. Não há quem fale como ele, tão perto, tão sincero, muito mais rico de espírito do que é de família ou dinheiro. E no mais, Vinícius, que tão bem fala dêle, não iria fazer rima com mentira. Meu amigo Reinaldo Bandeira, que faz o curso de Engenharia em Belém, rima com cinquenta e quatro colegas na Casa do Estudante do Pará. A turma diverge sobre

futebol, discute política e mulheres, mas num ponto está tôda de acôrdo: em matéria de música, Chico Buarque é único e continuará sendo, até que a natureza provoque outro parto feliz de genialidade. Vai ser muito difícil alguém repetir PEDRO PEDREIRO.

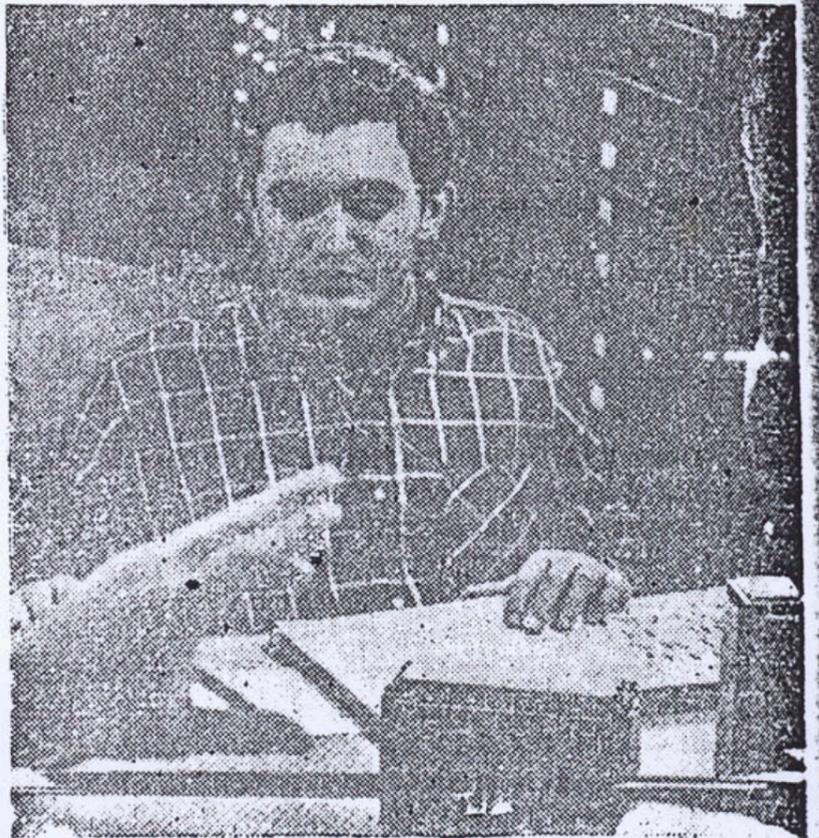
Os estudantes fizeram de MEU REFRAO uma espécie de hino:

**Quem Canta Comigo, Canta o Meu Refrão  
Meu Melhor Amigo É O Meu Violão  
O Refrão Que Eu Faço  
É Pra Você Saber  
Que Eu Não Vou Dar Braço  
Pra Ninguém Torcer  
Deixa de Feltiço  
Que Eu Não Mudo Não  
Pois Eu Sou Sem Compromisso  
Sem Relógio E Sem Patrão.**

Chico é o tipo do cara que todo rapaz queria como irmão, as mães como filho, as garôtas como namorado. Em última análise, ele é o sujeito que a gente conhece há muito tempo, legal demais mes-

mo, colega que, sem querer, êle se tornou de milhões de brasileiros. Nos festivais todos torcem por êle, fanaticamente, reagindo aos berros contra os juizes que lhe negam a vitória, RODA VIVA não é sua melhor música, mas isso não interessa. O importante é que o prêmio maior vá para suas mãos. Chico Buarque é uma religião. E não endeusá-lo, um sacrilégio.

Maranhão, o compositor de "Gabriela", que também é Chico, amigo do Buarque — de quem não sofre, apesar disso, nenhuma influência musical. Para os paulistas é Chico Maranhão. Para nós aqui é Chico Fuzetti.



Levado pelo Maranhão (o nosso Chico Fuzetti) ao palacete da Rua Burl, no Pacaembu, em S. Paulo, fiquei conhecendo a todos: o velho Sérgio Buarque, Dona Maria Amélia, o Alvarenga, Ana Maria, Maria Alice, a Cristininha e também à Iáíá, lá na copa. Faltava o Chico, que passa mais tempo no Rio, preso a uma série de compromissos e, na época, ainda mais por causa da sua peça "Roda Viva". O Maranhão me dizia:

— Quando o Chico chegar eu te aviso. Mas puxa, número dois onde tu te socas, que ninguém te encontra? (O número 1 é como êles me chamavam, por causa do Maranhão 1, que é êle, o Fuzetti.)

Devidamente enturmado com o pessoal da Arquitetura fiz boas amizades com os amigos dos dois Chicos, ouvindo batida de violão e tomando batida de limão, na exclusividade dos seus pontos. Logo descobri que não é preciso ver o Chico, ser apresentado, bater papo com êle (o que é difícil, aliás), ouvi-lo pessoalmente ao seu violão — para se ficar conhecendo, na intimidade, a figura de Francisco Buarque de Hollanda. Cantando ou ouvindo as suas músicas, bebendo nos seus pontos com a sua turma, freqüentando a sua casa, a gente o tem mais presente, como a uma espécie de mito. E por isso faltei a uns dois compromissos com o Maranhão, que me ia apresentar a um dos seus maiores amigos.

Numa sexta-feira, já se aproximando a minha volta, a Cristininha — aquela meiguice que canta com o irmão "Sem Fantasia" — saía da aula e se encontrando conosco (Mané da Bia Ceará da Rosinha e eu) nos convidou para um almoço e seguiu em frente para cuidar dos preparativos. Tão bom estavam o dia e o chope que acabamos chegando ao Pacaembu à tardinha. E jantamos. Foi nessa hora que a campainha tocou e vimos, pelo espelho da sala, o Chico Buarque ir entrando:

— Como é, tudo legal, superior ?!

E com aquêl sorriso indo à geladeira para nos abastecer de cerveja. Chegava do Rio para cantar na Bienal do Samba. Trazia em mãos um disco em capa provisória:

— Está aqui um disquinho da Isaurinha Garcia que ainda não saiu... Cantando músicas do Noel Rosa e Chico Buarque de Hollanda... (Ele mesmo dizendo feliz, simples, sem nenhuma veia de cabotinismo.)

E pôs na radiola. Lembro-me de umas duas faixas em que a Isaurinha descanta o Noel e só falta matar o Chico. ("Olá, olá", por exemplo.) Depois bateu um papo rápido, outra cerveja, leu a correspondência sobre o piano, vez em quando entre uma carta e outra, perguntava por um cara da turma, dos tempos da faculdade, apreciou o cartaz do disco do Paulo Vanzolini (tratado na turma como "o mestre"), virou o disco, fumou outro cigarro, riu mais do que falou e com uma pura humildade disse:

— Pessoal, estou chegando agora, vou cantar na Bienal, numa homenagem ao Sinhô (daquele samba "Jura"), depois irei a Santos e de lá terei que voltar direto para o Rio.

E subiu. Em Chico Buarque de Hollanda nada é falso, nada é estudado, tudo é espontâneo: a mesma cara, a mesma timidez, o mesmo sorriso, o mesmo falar meloso, os gestos — tudo que êle mostra na televisão é exatamente como êle é em casa, com os amigos. Alvarenga, seu irmão, é a mesma coisa: a cara, os dentes, o jeitão legal à beça. Cristininha também. E todos êles ficam mais iguaizinhos quando aparece um violão ou atabaque na roda. Aí "farofa" (apelido de Cristininha dado pelo Chico Maranhão) puxa samba que não pára mais. Pensar-se que Chico é, em matéria de música, exceção na família é pura ilusão. Dir-se-ia que o Professor Sérgio e Dona Maria Amélia têm "bons filhos de samba". E de viola. A prova disso tive quando os acompanhei à "roda de samba" dos estudantes de medicina. Tive ainda na festa de aniversário da Vera, filha do Vanzolini. E depois no inesquecível "hota-fora" na casa do Mimi. E ainda em outras ocasiões, como aquela em que Dona Maria Amélia, muito gentil com os amigos dos seus filhos, chegou na biblioteca, onde estávamos todos, e disse:

— Cristininha, mais baixo que o seu irmão está cansado e precisa repousar.

— Ah! Mas quando eu estou querendo dormir ninguém diz isso...

Falou novamente a mãe:

— Você é que não sabe. Mas quando você dorme digo a êle a mesma coisa, trato a todos com igualdade.

Já era um pouco tarde. E o barulho estava grande mesmo. Depois, já tínhamos todos um mesmo programa: ir à Bienal do Samba. Onde aplaudimos o Chico e vaiamos o Ciro Monteiro, que cantou o troço muito bororó e bem quadrado.

EDSON VIDIGAL